

Processos educativos interculturais na “família de santo”: pais e filhos nas religiões afro-brasileiras

Cristiana Tramonte*

Resumo

O artigo analisa a relação familiar interna dos praticantes das religiões afro-brasileiras, enfocando especificamente os aspectos educativos e formativos da relação entre “pais” e “filhos de santo”. Por congregarem a diversidade brasileira em seus múltiplos aspectos – étnicos, geracionais, sociais, de capacidades físicas e mentais, de orientação sexual, etc., possibilitam, entre seus praticantes, um sentido de organização grupal que coloca em contato diferentes sujeitos. Desvenda, ainda, o desenvolvimento e a persistência da ancestralidade em confronto e convivência com a modernidade nessas relações, objetivando delinear os valores familiares e sociais que as permeiam. Busca-se compreender também a relação entre família carnal e família de santo, estruturas grupais agregadoras do grupo, o papel de cada sujeito no contexto desses coletivos e o relacionamento entre pai, mãe e filhos de santo. Investiga-se a dinâmica interna do terreiro, como convivem vida material e espiritual dos indivíduos.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras. Família de santo. Interculturalidade.

1 INTRODUÇÃO

O artigo analisa a relação familiar interna dos praticantes das religiões afro-brasileiras, enfocando especificamente os aspectos educativos e formativos da relação entre “pais” e “filhos de santo”.¹ As religiões afro-brasileiras organizam-se de forma intercultural e complexa. Intercultural no sentido apontado por Fleuri e Souza (2003, p. 69) na busca da apreensão de várias culturas, “[...] mas sobretudo na busca de compreender os sentidos que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais.”

Por congregar a diversidade brasileira em seus múltiplos aspectos – étnicos, geracionais, sociais, de capacidades físicas e mentais, de orientação sexual, etc., possibilitam, entre seus praticantes, um sentido de organização grupal que coloca em contato diferentes sujeitos. Desvenda ainda o desenvolvimento e a persistência da ancestralidade em confronto e convivência com a modernidade nessas relações, objetivando delinear os valores familiares e sociais que as permeiam.

Ainda como apontam os autores, o reconhecimento cultural implica o reconhecimento e a interação entre diferentes modos de ser humano cujo desen-

* Doutora em Ciências Humanas; Professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Metodologia do Ensino, Câmpus Universitário Trindade, Florianópolis, SC. tramonte@ced.ufsc.br

volvimento está frequentemente em tensão: “Tais campos de força, intensamente conflitantes, podem estabelecer formas criativas de interação [...] possibilitando a reinvenção da existência humana.” (FLEURI; SOUZA, 2003, p. 73). É o que veremos no desenrolar deste artigo a partir, especificamente, das falas dos sujeitos em questão² – pais e filhos de santo no contexto da família de santo.

Busca-se compreender a relação entre família carnal e família de santo, estruturas grupais agregadoras do grupo, o papel e o relacionamento entre pai, mãe e filhos de santo. Investigamos a dinâmica interna do terreiro, como convivem a vida material e espiritual dos indivíduos.

2 AS ESTRUTURAS AGREGADORAS DO TERREIRO: FAMÍLIA DE SANTO E A FAMÍLIA CARNAL

Lima (1977), em seus estudos sobre religiões afro-brasileiras, analisou o significado da família de santo na segurança dos indivíduos a ela ligados, segurança esta que decorre do fato de pertencerem a um sistema familiar socialmente reconhecido, já que grande parte dos adeptos provém de estratos de classe marcados pela ilegitimidade diante dos valores hegemônicos da sociedade. Ele enfocou o papel que cumpre a solidariedade familiar do grupo e a expectativa deste em relação aos papéis preexistentes, a autoridade e a disciplina exercidas por pais e mães de santo sobre os filhos, os tabus, etc. O autor confronta ainda a relação empírica entre a família de santo e a família estruturada em bases “sociobiológicas”, como define, no contexto da sociedade global no qual os dois sistemas se inserem e descobre um estreito determinismo entre estas: pertencer a uma família de candomblé, ser criado em um ambiente em que predominam normas de conduta e valores regulados pelos poderes sobrenaturais dos orixás, tudo isso predispõe o indivíduo à crença e participação efetiva na religião, reflexões válidas para outras religiões afro-brasileiras. Interessante destacar, porém, que ao contrário da dimensão cada vez mais nuclear que adquire a família biológica nas sociedades ditas modernas, na família de santo, permanecem os valores da ancestralidade, a importância das origens das “feituras” e os fortes laços de parentesco “no santo”.

A família de santo é a principal célula agregadora do terreiro. Lima (1977) adota a expressão família de santo a partir da referência popular corrente entre os adeptos das religiões afro-brasileiras que assim define o conjunto dos aspectos classificatórios do “parentesco de santo”; os papéis sociais dos pais e avós de santo, o relacionamento com filhos, netos de santo, demais descendentes e todo o grupo familiar entre si na religião. Para o autor, entre os aspectos passíveis de análise da família de santo está a solidariedade grupal, a autoridade dos pais de santo e todos os aspectos estruturais e funcionais do grupo. Embora ele tenha estudado especificamente o candomblé baiano gêge-nagô, suas reflexões podem auxiliar na análise dessa forma particular de organização grupal religiosa.

A relação entre os sujeitos dentro da família de santo ocorre de forma intercultural, ou seja, entre pessoas concretas que decidem “construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação” (FLEURI; SOUZA, 2003, p. 73) por meio do laço indelével da religiosidade “familiar”, leia-se, aquela estabelecida pelo vínculo espiritual. Em trabalho anterior³ apontamos como a família de santo representa um grupo de referência para sujeitos que se viam “desajustados” em relação à lógica dominante. Sobre a relação intercultural dizem ainda os autores: “[...] estereótipos e preconceitos – legitimadores de relações de sujeição ou exclusão – são questionados e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, histórias e opções.” (FLEURI; SOUZA, 2003, p. 73). No caso, especificamente a religiosa e o vínculo espiritual disso originado.

Na Grande Florianópolis, há uma peculiaridade: a família de santo muitas vezes se confunde com a chamada “família carnal”, ou seja, parentes “de sangue” passam a ser também “parentes de santo” a partir de relações específicas estabelecidas quando de sua prática religiosa. Quando se fala em imbricação entre os dois tipos de família não significa, necessariamente, que os papéis coincidam. Ou seja, não obrigatoriamente a mãe carnal de um adepto será também sua mãe de santo. Isso é passível de ocorrer na Umbanda, onde não existe impedimento dogmático para essa sobreposição, mas não é admitido no candomblé, segundo o qual é terminantemente proibida a coincidência entre parentesco carnal e “de santo”, possuindo toda uma complexidade de relações intrafamiliares que não nos cabe aprofundar nesse momento.⁴

Em tal cidade é relativamente constante o relacionamento entre família carnal e família de santo. É provável que isso se explique pela expansão relativamente controlada das religiões afro-brasileiras locais se comparadas a grandes centros urbanos e pela manutenção de um núcleo formador tradicional ainda ativo que mantém essa característica. Como a urbanização da região é um fenômeno recente em relação a outros centros urbanos que são capitais de Estado, significativa parte do povo de santo mantém ainda uma estrutura comunitária, com uma porcentagem relativamente alta de indivíduos que se relacionam, ou, ao menos, conhecem-se e esporadicamente se visitam, especialmente nas ocasiões festivas. Como também é recente a história das religiões afro-brasileiras em Santa Catarina, e especificamente na Grande Florianópolis, (o primeiro terreiro é o de Mãe Malvina e sua fundação data de 1953); pode-se inferir que muito do caráter familiar que marcou seus primórdios permaneça até os dias atuais. Entretanto, esse perfil começa a alterar-se com o adensamento urbano oriundo do êxodo rural e do crescimento da infraestrutura da região que atrai para cá um grande número de indivíduos de outros estados geográficos do país que aqui se estabelecem definitivamente.

A proximidade entre família de santo e família carnal é, por vezes, tão profunda que não é raro o “dono da cabeça” do chefe do terreiro, ou seja, a entidade espiritual, ajudar na própria criação dos “filhos carnis” deste.

“Tenho 5 filhos, né? Então prá criar e participar do centro e ser dona de casa, é muito difícil. Então, no momento que precisava ralhar com eles o Caboclo vinha. Hoje, todos trabalham aqui no centro.” (Mãe Tereza) (informação verbal).

O processo de imbricação entre parentesco “de santo” e “de sangue” em alguns casos ocorre de maneira espontânea, evoluindo naturalmente, resultado do próprio comprometimento do líder religioso com o terreiro e a necessidade de conciliar todas as responsabilidades, da familiar a de condução deste. Em alguns casos há, inclusive, a coincidência quase total entre as famílias “de santo” e “carnal”, ou seja, parte dos centros são conduzidos por um núcleo familiar “carnal”, agregado por alguns participantes externos. Esse fenômeno ocorre principalmente quando a chefia do terreiro está a cargo de uma mulher, no caso mãe de santo e mãe-de-família. A contingência do acúmulo das tarefas e a dupla jornada de trabalho – casa e terreiro – contribui para essa aproximação. Há situações muito específicas nas quais a mãe carnal tem uma prole extensa e é também mãe de santo de vários membros desta prole. Essa duplicidade da maternidade é vista pelos envolvidos como uma força positiva na agregação do grupo familiar carnal e na troca de experiências e conhecimento no campo da religiosidade, possuindo, portanto, uma finalidade revigoradora para ambos os aspectos – material e espiritual – da vida dos indivíduos em questão.

A minha mãe tem 7 filhos carnis, 5 são filhos de santo: 3 da Umbanda e 2 do Candomblé. Isso em momento nenhum traz desunião, rivalidade entre nós irmãos. Pelo contrário. A matriz é a mesma, mas cada um segue seu caminho procurando se afinar com seu guia, orixá e sua natureza pessoal. Nós irmãos, estamos unidíssimos. Convivemos e trocamos ideias em matéria de santo. Nossa mãe carnal é nossa primeira mãe de santo de todos nós. Isso faz com que não percamos a raiz. (Yalorixá Elzeni) (informação verbal).

A entidade espiritual mentora do centro é uma referência importante no crescimento familiar, cumprindo as tarefas de segundos pais ou padrinhos, acompanhando o cotidiano da família, desde o crescimento das crianças até o direcionamento de seu futuro. “Minha família, meus filhos, se criaram, nasceram ali. Para eles, a entidade Caboclo é tudo. Até hoje, ele trabalha comigo e com meu filho. O Caboclo esperou meu filho crescer e disse: “agora vou trabalhar com você.” (Mãe Tereza) (informação verbal).

A tarefa de desenvolvimento dos filhos de santo é comparada pelos pais de santo à criação de um filho carnal. Por isso, é comum o sentimento de abandono destes por aqueles, como ocorre na moderna família ocidental tradicional, como veremos posteriormente. Os pais religiosos investem esforços, tempo e energia física e

psíquica na formação de novos iniciados “no santo”. O processo educativo é resultado de atenção, cuidados e eventuais punições, até a maturidade e a independência.

Cuidar de um filho de santo, ter um centro é uma responsabilidade, porque estamos lidando com a parte espiritual, que é muito delicada para cuidar. A gente põe um filho para desenvolver e tem que cuidar dele como nenenzinho; dar toda a atenção até que ele vai se cuidando, se formando, até que não precise mais. Assim é na parte espiritual. Tem que ter palavras de amor e também uma palmadinha na hora que precisa. A gente põe o filho na corrente.⁵ Tem que zelar com amor; a educação do médium na corrente, para ele compreender o que é a parte espiritual. (Yalorixá Tereza) (informação verbal).

A responsabilidade do pai ou mãe de santo em relação à família de santo é, às vezes, comparada e considerada superior àquela na família carnal. O papel destes, por vezes, extrapola o plano espiritual e estritamente religioso e estende-se à vida material do “filho”, até mesmo com o apoio em problemas vividos no cotidiano.

O centro é outra família que você tem. E essa família daqui [do centro] é mais do que a família de lá [carnal]. Qualquer problema, eles choram no ombro da Mãe: socorro! Então tem de deixar a parte de mãe dos “filhos carnis” e atender os “filhos de cá.” Pode estar cheia de problema na outra família, mas não pode deixar a daqui e tem os trabalhos: desenvolvimento, feitura, bori, depois Mãe-Pequena, depois Coroa Grande. É uma responsabilidade. (Yalorixá Tereza) (informação verbal).

Para Lima (1977), a família de santo é o nódulo central, fundador e mantenedor do grupo, em torno do qual é estabelecida a rede de relações internas, materiais e espirituais entre os participantes. Embora não seja objetivo deste artigo aprofundar a complexidade de tais relações, é importante atentar para o papel que a família de santo cumpre nos ainda pouco numerosos candomblés da Grande Florianópolis. Quando falamos em complexidade nos referimos ao que Fleuri e Souza (2003, p. 75) apontam: “[...] a complexidade reconhece e assume a multiplicidade de práticas culturais desenvolvidas pela interação de diferentes sujeitos nas relações sociais [...] a relação da unidade do conjunto com a diversidade de elementos que o constitui.” Esta é exatamente a perspectiva adotada na família de santo na Grande Florianópolis: aglutinar a diversidade de sujeitos e de suas interações internamente e externamente ao grupo.

Um dos principais amálgamas desta diversidade é a ancestralidade. Para seus integrantes, esta é responsável pela visão de passado e pela possibilidade de continuidade no futuro. O sentido da ancestralidade se encontra no plano da descendência religiosa:

Na realidade, eu venho a ser bisneto de Engenho Velho pela raiz, né? Porque meu avô de santo é Pai Bobó, filho da Casa Branca de Engenho Velho, a primeira no Brasil. Isso é importante perguntar: De que casa ele veio? (Babalorixá Edenilson) (informação verbal).

Estou preparando meus filhos de santo que estão aqui para tocarem uma coisa séria. Que eles saibam que Obaladê foi a avó deles, João da Gomeia foi o bisavô e o Pai Juca foi o pai e manteve a tradição. (Babalorixá Juca) (informação verbal).

Além da descendência religiosa, o sentido da ancestralidade “no santo” evoca, para alguns adeptos, o próprio significado da existência da família carnal. As relações encontram-se tão imbricadas que, mesmo inexistindo no candomblé a possibilidade de sobreposição de papéis entre essas duas instâncias, para o adepto há uma identificação entre pais de santo e pais carnis. A ancestralidade adquire, assim, um significado profundo na vida do indivíduo fazendo cruzar os planos materiais e espirituais, mesmo quando esse cruzamento ocorre a partir do sofrimento interior e da dor.

“O que é a família ocidental hoje em dia? Ela perdeu o sentido de ancestralidade. Eu caí em depressão quando minha mãe-de-santo velha morreu, me senti sozinho no mundo. Não sabia que anos depois sentiria novamente: perdi meu pai, outro choque. Um mês depois disseram: tua mãe está terminal, não tem jeito! Ai eles [os guias espirituais] começaram a me preparar. Comecei a dar valor à ancestralidade, não deixar de fazer nada aqui no meu recôndito, trancadinho: meu amalá⁶ prá Xangô, o santo da minha mãe-de-santo que foi embora”. (Babalorixá Juca).

A família de santo adquire tal importância para seus integrantes se que sobrepuja à qualquer outra relação social do indivíduo. É uma formação tão determinante em sua existência que a força de seus valores supera os valores vigentes na sociedade em geral. Ou seja, as inter-relações dentro do grupo “de santo” são orientadas por suas normas próprias, muitas delas divergentes da sociedade como um todo.

Se existe racismo dentro do candomblé? Olha, o candomblé está estruturado nos laços de família e como a matriz é africana, todos fazem parte desta matriz. Fica claro que a liderança é de matriz africana, então não é possível explicitar racismo desta forma. Esse racismo vai sendo absorvido *pela relação de família que é muito mais forte*. (Ivan Costa Lima) (informação verbal, grifo nosso).

O momento mais denso em uma família de santo é a feitura dos filhos pelos pais de santo. A descendência constitui o principal patrimônio espiritual destes e é, portanto, motivo de grande orgulho, prestígio social e religioso e reconhecimento público do líder.

Não tenho ideia de quantos filhos, netos e bisnetos [de santo] eu tenho! Quando a D. Hilka faleceu, tinha umas 400 pessoas no enterro. Todo mundo vinha me tomar a benção. Eu abençoava todo mundo mas não sabia mais quem era. Muita gente! Tantos anos no santo... (Vó Ida) (informação verbal).

Para alguns adeptos, pertencer a uma família de santo é uma estratégia de resistência e de fortalecimento grupal, a partir da recriação dos laços familiares historicamente rompidos.

A história dos terreiros, feitura de santo é pra recriar uma família, se não sanguínea, mas de parentesco de santo. O sentido de comunidade para o negro é muito importante, e quanto mais ele fica sem esse sentido de base de união dos irmãos, dos pais, vai ficando mais fragilizado. (Yalorixá Elzeni) (informação verbal).

3 MEUS PAIS, MEUS GUIAS, MINHA ILUMINAÇÃO

Na família de santo, geralmente o pai ou a mãe de santo ocupam o lugar mais importante na formação do filho, bem como na família carnal. Eles são os responsáveis não somente pela “feitura”, mas também pela iniciação religiosa, aconselhamento, orientação e desenvolvimento mediúnico. Principalmente entre os mais antigos, os pais e as mães de santo permanecem indelevelmente marcados em sua trajetória e em sua memória de vida, como os mais importantes guias de sua existência, responsáveis pela superação de inúmeras limitações de caráter físico ou emocional.

Um dos aspectos que mantém a admiração do filho em relação a seus pais é a sua capacidade de compreenderem as limitações deste, elaborando-as com paciência e ternura, transformando-as em conhecimento transmitido. Essa reelaboração auxilia o filho em seu processo de maturação e construção da autonomia como indivíduo e como religioso, rompendo, então, a dependência. Cumpridas as funções de orientador e associando isso a uma relação plena de afeto está cumprida, portanto, a função maternal ou paternal.

Minha mãe Obaladê Raimunda Chagas... faleceu. Amei muito aquela negra. Ela foi pra mim a verdade e a vida! Ela me desinibiu, mostrou o que era vida, felicidade, tristeza, alegria e aprendi a conviver com isso tudo. Ela me ensinou muito, me tirou a arrogância. Eu chegava na porta e ela dizia: “Hoje você não está com o coração aberto pra receber. Você veio como Ocidental, só para catar.” E o dia que eu ia com o coração aberto, ela sentava e dizia: “a folha é essa, assim, assim... A partir de hoje você não precisa mais de pai de santo pra tirar a mão de vume⁷ de você. Quando eu for embora você já sabe como tem que fazer”. Ela foi mãe! (Babalorixá Juca) (informação verbal).

A sabedoria ancestral é outro aspecto admirado pelos filhos de santo em relação a seus pais. Esta permite a posse dos conhecimentos gerais sobre questões essenciais do universo e da existência humana, nos planos material e espiritual. O rigor na aplicação dos conhecimentos técnicos dos rituais, cujo cumprimento de acordo com os dogmas propicia uma boa condição religiosa é outro aspecto admirado pelos filhos:

Eu fui muito bem feita na Antonieta.⁸ Ela foi perfeita. Tanto que foi buscar um casal no Rio para confirmar o meu santo.⁹ Ela fez uma gira especial. Eu tive que arriar orixá por orixá:¹⁰ tive que dar o ponto de descida, de subida e o cabalístico,¹¹ tudo na escala perfeita da Umbanda. (Yalorixá Dalva) (informação verbal).

Perguntei pra Obaladê: como a senhora explica a criação do Universo? Ela disse: "Tinha tanta energia que não suportou e explodiu criando isso tudo". Veja: uma negra de 80 anos que não teve estudo ocidental nenhum e na maior simplicidade faz a gente baixar a cara e pensar: de onde vem tanta filosofia? Na maior simplicidade explica mistérios tão grandes que a ciência hoje em dia comprova, né? (Babalorixá Juca) (informação verbal).

Além do conhecimento ritual, outro motivo de admiração é a capacidade de enfrentar diversos problemas e permanecer com fé no caminho religioso, superando toda a sorte de obstáculos:

Em Florianópolis, duvido que encontre dentro do candomblé um pai de santo sério como o meu, Pai Juca, muito entendido de Nação que lutou muito para chegar no que chegou. Começou uma mediunidade sacrificada dentro da minha casa, a família não acreditava, foi castigado, humilhado pela família e não parou e continua a procurar. (Yalorixá Antonieta) (informação verbal).

Dentro do processo educativo intercultural no qual se desenvolvem as relações entre filhos e pais de santo, estes ajudam também na correção de desvios de personalidade daqueles, contribuindo, assim, para uma vida plena e mais feliz dos filhos:

O Candomblé é peça de várias pessoas. Não pode ter um rei absolutista. Em suma, entendi isso. Fui um déspota, custei a entender. Era como eu queria e acabou! A minha mãe de santo me fez gente. Dizia: "aprende meu branquinho... aprende!" Aprendi e sou muito feliz. (Babalorixá Juca) (informação verbal).

4 PAIS E FILHOS DE SANTO: ERROS, ACERTOS, ALEGRIAS E TRISTEZAS

O sentimento dos pais de santo em relação aos filhos mescla proteção, amor e responsabilidade por sua educação. Como na família tradicional, em geral, espera-se deste filho ao menos um reconhecimento e a correspondência às expectativas traçadas, o que nem sempre ocorre.

É bastante recorrente a queixa de pais de santo de abandono, menosprezo ou desrespeito hierárquico por parte de seus filhos, como veremos posteriormente. O reconhecimento da importância do pai ou da mãe de santo na vida do médium é bastante variável, mas pode-se observar uma constante: entre os mais antigos, é grande a fidelidade, admiração e elogios feitos aos pais de santo por seus filhos. Entre os mais novos, observa-se que os pais-de-santo são, em boa parte dos casos, apenas uma etapa em sua trajetória religiosa, mas parecem não deixar marcas tão profundas quanto naqueles "feitos" no passado. Entende-se "passado" como um intervalo de tempo de duas décadas, o que, na trajetória das religiões afro-brasileiras locais é um período relativamente longo.

O que indica que para os filhos "novos", "feitos" recentemente, os pais de santo já não possuem a relevância incontestável do passado, pois nas entrevistas feitas com os mais jovens, dificilmente a conversa se detinha muito tempo na figura do pai ou mãe de santo, ao contrário dos mais antigos que discorriam longamente sobre estes. Essa fugacidade dos médiuns mais novos pode ser explicada por outro fator que estudaremos depois: as transformações estruturais pelas quais passam os rituais de iniciação atualmente, apontadas unanimemente como uma das grandes causas de descaracterização das religiões afro-brasileiras locais.

Trocar de mãe ou pai-de-santo significa grave desobediência de caráter ritual, passível de punição. A troca é considerada como uma ousadia e quebra da tradição, ao romper e interferir na hierarquia da família de santo e no sentido da ancestralidade. Pior ainda, renegar o responsável pela "feitura de sua cabeça" pode degenerar em desequilíbrios de toda a ordem, nos planos físico e emocional. Nesses casos, geralmente a punição é extrema: a perda do equilíbrio mental ou da saúde física. Entretanto, quando isso ocorre, não há qualquer tipo de censura a qualquer entidade espiritual pelo fato, ao contrário, toda a culpa cabe ao faltante, que deverá pagar caro pelo erro e se esmerar em corrigi-lo.

Ficam trocando de pai e mãe de santo, tirando a mão do pai ou da mãe de santo.¹² Por qualquer motivo trocam e depois ficam malucos. Pode trocar de centro, mas não de pai ou mãe de santo. Vai tirar a mão do pai de santo? Não presta e o pessoal faz. Pai ou mãe-de-santo é para o resto da vida. É igual um pai ou mãe mesmo, mas eles abandonam e vão para outro, para outro... (Hamilton dos Santos,¹³ ogã, Centro de Umbanda Exumaré, estofador, 60 anos, 11 anos "no santo") (informação verbal).

Quem sou eu para desprezar a mão de outro pai de santo?
(Yalorixá Graça) (informação verbal).

Menosprezar ou contestar a autoridade do pai ou mãe de santo, também pode trazer sérios prejuízos, derivados da punição espiritual sobre a vida material do faltante, ainda que não tenha havido, por parte deste, qualquer intenção de soberba: “Fiz mal, porque não consultei minha mãe-de-santo, mas tudo na boa-fé.” (Babalorixá Evaldo, justificando seus erros quando do incêndio da própria casa) (informação verbal).

Entretanto, o menosprezo involuntário, quando ocorria, era apontado como mais característico dos religiosos no passado. Na atualidade, parece ser *explícito e intencional* o ato de contestação ao conhecimento e autoridade dos pais de santo por parte dos filhos.

Os pais e mães de santo têm que dar moral para os filhos, para eles poder dar pra si mesmo e para outros. E está dando muita coisa errada. Até meus próprios filhos de santo têm problema! Eu já chamei atenção de alguns! Sabe o que eles dizem? Que eu não sei nada, que agora mudou. Ainda querem saber mais do que eu. Não respeitam a tradição, o conhecimento. Não é os médiuns velhos que já trabalham há anos, é os novos que estão fazendo isso. (Yalorixá Cristina) (informação verbal).

A contestação do conhecimento e a conseqüente desobediência aos pais de santo são explicadas por um decréscimo da crença na divindade e uma supervalorização do conhecimento de tipo livresco, leia-se, uma supremacia da cultura escrita sobre a sabedoria milenar transmitida pela oralidade. O fenômeno do desaparecimento do pai de santo como referência religiosa e a superação de sua autoridade por um produto da indústria cultural causam enorme preocupação entre os líderes tradicionais e ameaçam fazer ruir a essência espiritual. Os livros, como produto dessa indústria, aparecem como contraponto e ameaça ao “verdadeiro conhecimento espiritual” oriundo da tradição oral.

Nós que conhecemos mais, que sabemos mais profundo da religião podemos chamar os filhos e querer ensinar, mas eles querem fazer pelos livros que são comprados. Até meus filhos fazem isso também! Querem ir pela leitura dos livros, não pela sabedoria do santo... *A leitura está tirando a virtude das entidades*, que é pela radiação da vidência. (Yalorixá Cristina) (informação verbal, grifo nosso).

A partir de meados do século XX, com o crescimento da Umbanda e dos cultos afro-brasileiros em geral, multiplicou-se no país a edição de obras empíricas ou de caráter acadêmico sobre o tema. Uma profusão de títulos espalhou-se por todo o país e facilitou o acesso ao conhecimento dos elementos constitutivos da religião sob variados pontos de vista. Vários líderes religiosos – especialmente ba-

balorixás e yalorixás – passaram a escrever obras baseados nos fundamentos que conheciam, ou em sua própria história de vida. Se considerarmos que as religiões afro-brasileiras elegeram como principal forma de comunicação e divulgação interna a transmissão oral entre os adeptos, pode-se imaginar por que a difusão em linguagem escrita causa um certo desconforto. É como se estivesse havendo um defraudamento dos aspectos íntimos essenciais do grupo, distintivos do povo de santo como tal e responsáveis por sua coesão e pela manutenção das hierarquias, já que ocupa o posto de mando aquele que “sabe mais”. Ora, se o acesso aos livros possibilitava a “qualquer um” que os adquirisse o saber, criava-se um vácuo na transmissão do conhecimento tradicional, então a desvalorização – por parte de alguns líderes do povo de santo – do conhecimento adquirido pela linguagem escrita e o privilegiamento da sabedoria adquirida pela vivência espiritual prática com os “velhos portadores do saber ancestral”, transmitido oralmente. Além disso, com as publicações, fica visível a diversidade das práticas e mesmo das concepções entre os adeptos, o que causa cisões e acirrados debates entre o povo de santo.

Portanto, os livros, quando mencionados pelos religiosos mais antigos e tradicionais, em geral são considerados uma fonte concorrente e ilegítima da sabedoria ancestral dos pais de santo. Privilegiar a leitura em detrimento dos conhecimentos transmitidos por estes é considerada uma postura de desprezo do filho de santo pela autoridade de seus pais religiosos.

A exemplo da família “de sangue” na sociedade ocidental atual, o *abandono* e o sentimento de ter sido vítima de *traição sentimental* pelos filhos é outra queixa constante dos pais de santo. Diante disso, nada mais há a fazer a não ser aguardar que a própria espiritualidade puna o infrator.

Tive filho de santo médico, gente dita importante e hoje em dia cadê eles? Se preciso ir num médico, tenho que ir pelo SUS! Se precisar de um advogado, talvez precise vender dois pedaços de terra daqui da frente. Tive um problema na justiça, tive que pegar advogado pago pelo Estado porque não tinha dinheiro para pagar. Os filhos de santo abandonam o pai, mas um dia a gente vai se reencontrar em outra dimensão, né? E daí... (Babalorixá Juca) (informação verbal).

São raros os filhos que consideram o pai de santo. Quando precisam, beijam os pés, mas depois se puderem te fisgar, te fisgam. Usam e jogam fora. (Babalorixá Evaldo) (informação verbal).

Novamente similar a uma família carnal, na família de santo alguns pais assumem como sua responsabilidade as distorções da criação dos filhos, que os teriam estruturado fora dos padrões esperados e procuram elaborar estratégias de resistência à situação de desagregação familiar religiosa.

Tive vários filhos de santo. Eles se incomodam na casa, saem fora. Os pais de santo tem que confiar um no outro para

poder dar continuação, somos responsáveis pela geração de amanhã. Qualquer cria que vier hoje da minha casa, se eu criar filho marmoteiro, que faz tudo errado, sou o responsável. (Babalorixá Leco) (informação verbal).

5 CONCLUSÃO

O que se busca apontar, neste artigo, é a complexidade da estrutura relacional de pais e filhos de santo no contexto da família de santo da religiosidade afro-brasileira, em suas múltiplas variantes.

O conceito de intercultura auxiliou na compreensão do esforço que esses grupos realizam para contemplar a diversidade, seja nos médiuns e praticantes dentro do grupo religioso, seja no contato com outros sujeitos no exercício da atividade espiritual. O esforço da inclusão da diversidade é complexo e profundo e não ocorre sem dissensões e conflitos. Estes são os motores do desenvolvimento da rede religiosa, especificamente entre os pares mais diretos dos quais tratamos aqui – pais e filhos de santo. Na essência mesmo da religiosidade afro-brasileira está a interculturalidade, pois é notável as pluralidades interna e externa do grupo que a estas se vinculam e o esforço de absorção das diferentes contribuições de cada sujeito, contextos e processos de aproximação, conhecimento recíproco e interação, como vimos. Essas relações produzem transformações em cada indivíduo, promovendo a consciência de si próprio, reforçando identidades subjetivas e grupais e, sobretudo, alterando relações entre os grupos.

Assim, pode-se dizer que a espinha dorsal da religiosidade afro-brasileira – sua estrutura familiar – assenta-se nos processos relacionais interculturais e complexos para fazer avançar a organização em forma de rede cultural amalgamada pela espiritualidade.

Resumè

Cet article analyse les rapports familiaux internes des pratiquants des religions afro-brésiliennes, en mettant surtout l'accent sur les aspects éducatifs et formatifs des rapports entre "parents" et "enfants de saint". Rassemblant la diversité brésilienne sous ses différents aspects – ethniques, générationnels, sociaux, de capacités physiques et mentales, de choix sexuel, etc., ils permettent d'avoir, parmi les pratiquants, un sens d'organisation de groupe qui met en contact divers sujets. Il montre aussi le développement et la persistance de l'ancestralité, vivant avec la modernité et se confrontant à elle dans ces rapports, dans le but de définir les valeurs familiales et sociales qui les traversent. On cherche, également, à comprendre les rapports entre la famille de chair et la famille de saint, des structures de groupe rassemblantes du groupe, le rôle de chaque sujet dans le contexte de ces collectifs et les rapports entre père, mère et enfants de saint. On étudie la dynamique interne du terreiro, comment vivent ensemble la vie matérielle et la vie spirituelle des individus.

Mots-clés: religions afro-brésiliennes. Famille de saint. Interculturalité.

Notas explicativas:

¹ “Pai de santo”, “mãe-de-santo”, “família-de-santo” são termos usuais entre os praticantes da Umbanda que serão mantidos nas falas dos entrevistados e nas análises das entrevistas. Para a nomeação formal, adotamos “babalorixá” (masculino) e “yalorixá” (feminino) para definir a liderança religiosa.

² Entrevistas concedidas à autora.

³ Com a Bandeira de Oxalá, 2001.

⁴ Sobre o tema ver a completa obra de Lima (1977).

⁵ Integra o adepto ao grupo de médiuns, a corrente espiritual que reforça o axé do terreiro.

⁶ “Amalá = comida votiva de Xangô, Ibêji, Obá e Bâiani [...] É um caruru de quiabos com pirão de farinha de arroz ou de mandioca.” (CACCIATORE, 1988).

⁷ Após o falecimento do pai ou mãe de santo há uma cerimônia da qual participam seus filhos. “Vume = espírito atrasado espiritualmente, sem luz, obsessor.” Cacciatore, 1988.

⁸ Significa que sua mãe de santo, Antonieta, cumpriu todos os rituais espirituais exigidos pela tradição.

⁹ Verificar o grau de acerto na definição de seu “santo de cabeça” e, ao mesmo tempo, reforçar espiritualmente o médium.

¹⁰ Incorporar todas as entidades formadoras da médium.

¹¹ Cânticos e desenhos que caracterizam a entidade que incorporou ou vai desincorporar o médium.

¹² “Tirar a mão do pai ou mãe de santo” significa romper com o ritual que estes cumpriram para “colocar o santo na cabeça” de um médium, ou seja, confirmar o orixá ao qual ele pertence.

¹³ Entrevista concedida à autora.

REFERÊNCIAS

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

FLEURI R. M.; SOUZA, Maria Izabel P. de. In: _____. **Educação Intercultural. Mediações Necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés Jeje-nagôs da Bahia: um estudo de relações intra-grupais**. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas)–Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá. Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis**. Florianópolis: Lunardelli, Itajaí: Ed. Univali, 2001.

